

**A RESISTÊNCIA DA IDENTIDADE NEGRA NO PERÍODO COLONIAL, NA
OBRA *TUMBU*, DE MARCONI LEAL**

**THE RESISTANCE OF BLACK IDENTITY IN THE COLONIAL PERIOD, IN
THE BOOK *TUMBU*, BY MARCONI LEAL**

Antônio Cesar Gomes da Silva¹

Rosana Rodrigues da Silva²

UNEMAT/ Sinop

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a identidade e a resistência do personagem negro na obra infantil e juvenil, *Tumbu* (2007), de Marconi Leal, obra selecionada pelo PNBE, em 2009, para estudantes dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). O contexto representado na obra demanda uma análise da realidade brasileira no período colonial, momento em que pessoas negras foram forçadas à vida escravizada, mas que conseguiram resguardar a identidade negra. Desse modo, a obra permite que o professor possa, em conformidade com a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, trabalhar conteúdos que levem à compreensão do significado da resistência negra. Para tanto, deve ser considerado o percurso do jovem Tumbu, sua jornada e resistência no mundo violento do colonizador. A compreensão da imagem do negro nesse espaço abarca o entendimento de um período significativo da construção da cultura brasileira, além do reconhecimento do significado cultural da resistência no processo de dominação do europeu.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil; Colonialismo; Identidade negra.

Abstract This text aims to analyze the identity and resistance of the black character in the juvenile children's work *Tumbu* (2007), by Marconi Leal. A work selected by the PNBE, from 2009, aimed at students in the final years of elementary school (6th to 9th grade), in compliance with Law 10.639/03, which makes the teaching of Afro culture in schools mandatory. The social context represented in the work demands that we analyze the Brazilian reality in the colonial period, when blacks brought from Africa were forcibly adapted to slave life, but safeguarding their black identity. Therefore, we will consider the trajectories of the young black man on his journey through the New World and the violence caused by the European colonizer, in addition to his demonstration of resistance before a world very different from his culture. Thus, by understanding the presence of the image of black and slavery in the history of the book, it contributes to the understanding of such a significant time for the construction of Brazilian culture, and still realize how much it was necessary to resist culturally during the period of white European domination.

Keywords: Children's and Young Literature; Society; Colonialism; Blacks identity.

Submetido em 18 de dezembro de 2020.

Aprovado em 05 de julho de 2021.

¹ Mestrando em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), professor e coordenador pedagógico da Escola Municipal de Educação Básica Sadao Watanabe, em Sinop-MT. E-mail: antonio.cesar@unemat.br

² Doutora em Letras, professora na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop-MT, E-mail: rosana.silva@unemat.br

Introdução

Este artigo analisa a identidade negra na obra *Tumbu*, de Marconi Leal, representada em um momento do período colonial, refletindo sobre a resistência dessa identidade no contexto violento do colonizador europeu. Buscou-se compreender como a presença da imagem do negro e da escravidão em *Tumbu* se articulava na vida cultural do país, ambientada em um período sombrio. Devido à temática abordada, a obra pode ser trabalhada em conformidade com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira nas escolas. A história propicia o entendimento de uma época, de um povo e as consequências da condição humana escravizada. O livro faz parte do acervo encaminhado pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em 2009, destinado aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), uma etapa da Educação Básica em que o trabalho com o texto literário pode ser realizado de modo reflexivo, colaborando para a função humanizadora da literatura.

1. Resistência da identidade negra

A literatura, ao aproximar o leitor de uma história de resistência como a de *Tumbu*, pode trazer aos alunos, leitores em formação, importantes reflexões a respeito de uma época e de uma cultura.

Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo (DEBUS, 2017, p. 22).

O local mais propício para que se possa trabalhar o texto literário, considerando sua natureza humanizadora e transformadora, é a escola. No ambiente escolar, em contato com a diversidade de culturas de diferentes alunos, o professor poderá comprometer-se com uma educação libertadora; pois “se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 18).

É importante que a escola possa apresentar ao aluno a literatura com temática afro-brasileira, a fim de incluir em sua formação leitora um repertório de leitura de

obras que representem a diversidade cultural. A literatura infantil e juvenil possui, nesse sentido, uma importância singular, pois é responsável pela iniciação da criança, de maneira lúdica, no mundo da leitura. Bordini e Aguiar (1988, p. 152) afirmam que:

É dentro desse sentido lúdico que todos eles têm como mola propulsora os interesses dos alunos, acreditando na premissa psicológica de que só há motivação para a leitura quando essa corresponde a uma necessidade interna que deve ser satisfeita e desafiada.

O texto literário com temática afro-brasileira pode auxiliar o professor a valorizar e produzirá uma identidade étnica positiva, colaborando para desconstruir pensamentos racistas, prevenindo atitudes comuns de racismo na sociedade brasileira.

Desse modo, literaturas como essa estão em conformidade com o que pede as Leis sobre ensino de história afro-brasileira, que torna obrigatório o ensino de história e de cultura africana e afro-brasileira nas escolas, apontando para alternativas ao viés europeizante que influenciou o ensino brasileiro. A Lei 10.639/03, que foi alterada pela Lei 11.645/08, colabora para o conhecimento de nossas origens étnicas (africanas, indígenas e europeias), visto que auxilia no processo de desconstrução do racismo, de combate ao preconceito racial que se confirma no Brasil de hoje; ao passo que apresenta a riqueza e diversidade das culturas que formam a cultura brasileira.

Assim, o professor, ao contribuir para a formação do leitor, tornará seus alunos aptos para fortalecerem sua capacidade cognitiva; para se relacionarem melhor com as palavras e seus inúmeros sentidos; descobrindo novos pontos de vista e novas interpretações. Debus (2017, p. 91) mostra-nos que o leitor em formação necessita da ampliação de seu repertório. A diversidade de textos e temáticas é significativamente importante para que a formação do leitor ocorra de modo plural e colabore para sua identidade leitora.

No livro de Marconi Leal, os alunos, orientados pelo professor, ao final da leitura poderão compreender de modo mais crítico esta parte da história do Brasil, que necessita ser compreendida por todos os brasileiros. “A utilização dos materiais de uma forma crítica dentro do espaço escolar é fundamental para que a diversidade brasileira seja contemplada” (LOPES, 2012, p. 13). A pessoa negra sempre foi atuante na história do Brasil. Personagens históricos negros trouxeram novos sentidos históricos, com suas trajetórias de lutas.

Os alunos do Ensino Fundamental, aos quais se destina *Tumbu*, poderão ser conscientizados do período de escravidão no Brasil, um período vergonhoso, mas que precisa ser explicitado para os alunos. A obra de Marconi Leal, sendo um livro de literatura infantil e juvenil, consegue alcançar o jovem leitor, por meio de linguagem apropriada, ao mesmo tempo em que consegue conscientizá-lo do que foi e do que representa a resistência da pessoa negra escravizada. Ao discutir a resistência de um menino negro que tentou resgatar seus pais que foram sequestrados para se tornarem escravos no Brasil colônia, a história propicia que o leitor se solidarize com a condição do protagonista.

O livro, sem perder a fantasia, característica do gênero da literatura infantil, mostra a resistência do menino Tumbu. Conciliando momentos de fantasia e realidade, a história permite ao leitor compreender a vida do menino protagonista, ao se identificar com seus sentimentos. A alteridade presente no texto literário colabora para essa identificação, permitindo aos leitores vivenciar experiências de espaços diversos e tempos distantes.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam nos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47).

O enredo construído por Marconi Leal na obra opera como uma desconstrução do discurso tradicionalista do ensino de história nas escolas brasileiras, na medida em que essa história é contada pela perspectiva do personagem negro. A narrativa retrata um contexto social de crueldade, de indiferença e de interesses de comercialização que comprometem a sensatez humana. O personagem negro vivencia a marginalização, situações retratadas em muitas obras da literatura brasileira que também apresentam a formação de uma sociedade racista.

Desta maneira, o livro pode se tornar um caminho para o jovem leitor formar sua identidade leitora de modo inclusivo. Debus (2017, p. 23) comenta que “a literatura negra ou afro-brasileira e/ou a temática da cultura africana e afro-brasileira se faz imprescindível”. A literatura negra se mostra como um espaço importante para a

experimentação e originalidade literária, como também um espaço para a denúncia e persistência do sujeito negro brasileiro na atualidade.

Para Antonio Candido, “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições de direito, ou de negação deles” (1995, p. 256). Todo leitor, ao estar em contato com textos que desconstroem períodos da história, amadurece intelectualmente. Ferreira e Bulhões (2012, p.186) afirmam que:

O processo comunicativo efetiva-se quando esse leitor, na busca do sentido, procura resgatar a coerência do texto interrompida pelos vazios. Esse resgate permite-lhe interagir com o texto, pois solicita sua produtividade advinda da utilização de sua capacidade imaginativa.

Em todo o livro de Marconi Leal, pode-se reconhecer a crueldade de personagens conquistadores, ambiciosos, que agem a serviço do mercado. O colonialismo é impulsionado pelo sistema capitalista nascente, representado, nesse momento, pelo branco europeu. O colonizador praticou o escravismo para dominar os povos nativos da África. Contudo, a resistência da identidade negra ocorre também quando é assegurada culturalmente, por meio das diversas artes. A literatura pode ser espaço de afirmação consciente, de resistência, trazendo o negro como sujeito do discurso literário. Borges Junior e Santos (2017, p. 30) demonstram que “essas relações e tensões sociais constroem espaços ambivalentes de uso da linguagem que identificam tanto a imagem do colonizador como do colonizado” e complementam ao afirmar que “de um lado estão as relações de dominação e poder e do outro as marcas de assujeitamento, exploração, luta e resistência” (Idem, 2017, p. 30).

O personagem Tumbu resiste, ao não aceitar o domínio do colonizador. O garoto africano assume os perigos de uma travessia no Oceano Atlântico, escondido em um navio negreiro, para tentar reaver os pais raptados e vendidos a traficantes. Mesmo estando em condições desfavoráveis, o menino não aceita a violência imposta pelo europeu. Tumbu que, a princípio, é ingênuo, aos poucos, vai amadurecendo e tomando consciência de sua situação de marginalizado no novo mundo, conforme reconhecemos na obra:

Num canto, vi que um moço de pele negra, nu, estava amarrado a um tronco, sendo chicoteado violentamente por outro. E só então é que, pela primeira

vez, tive noção do que estava para acontecer comigo. Entrei em pânico (LEAL, 2007, p. 40).

A história de Tumbu revela uma luta incansável do personagem para afirmar-se culturalmente e sobreviver no Brasil colônia. Desse modo, a narrativa de Marconi Leal funciona como denúncia, alertando o leitor para a crueldade da escravidão. Antonio Candido (1965, p. 14) diz que uma “obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”. O autor de *Tumbu* realizou um resgate das distorções sofridas pelo negro escravizado que, embora mostrado à margem da sociedade, participou da formação do país.

A luta do menino Tumbu contra a escravidão e a exploração no contexto da colonização europeia atesta a coragem e resistência do personagem negro que ousou negar os valores sociais e políticos da época. Desse modo, o texto ficcional alcança a representação dos problemas de toda uma população que se tornou submissa à força, sem defesa. Segundo Borges Junior e Santos (2017, p. 32), “dentro do mundo colonizado, a intervenção é o modo que o colonizado encontra diante do colonizador para reivindicar seu espaço e marcar sua identidade discursiva”.

Tumbu é uma obra que dialoga com outras que apresentam a temática do negro escravizado trazido para o Brasil. A voz do personagem Tumbu reflete as vozes daquele tempo, da história de todo um continente, de suas crenças, intolerâncias, convicções, temores e possibilidades. As relações intertextuais demonstram que o texto literário amplia seu discurso; propaga vozes em comum e compartilha temáticas que atestam o sentimento de indignação das pessoas que foram escravizadas.

Quando Tumbu parte escondido no navio, não imaginava os sofrimentos e aventuras que ia viver no Novo Mundo. Nesse percurso marítimo, momento da vinda ao Brasil, a narrativa dialoga com trechos do *Navio negreiro*, de Castro Alves, testemunhando a violenta viagem na travessia do Atlântico, como nesta passagem:

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri! (ALVES, 2014, p. 52).

Nesse sentido, *Tumbu* expressa o mundo de um jovem adolescente negro, sensibilizando o leitor com o choque da realidade narrada: “muita gente não resistiu a travessia e morreu de dor, saudade, fome, doença e sofrimento” (LEAL, 2007, p. 34).

O recurso encontrado pelo autor, o relato em primeira pessoa do personagem protagonista, consegue aproximar o leitor das experiências narradas, das vontades, dos sentimentos e das dores sofridas pelo personagem. Cresqui (2010, p. 12) comenta que “o emprego da primeira pessoa empresta verossimilhança e intensidade à história”. Ao chegar ao Brasil, Tumbu enxerga no país uma natureza paradisíaca, iluminada pelo sol, mas contrastando com um cenário de violência e mazela social: “Tudo era muito colorido, estranho, diferente, confuso.” (LEAL, 2007, p. 40).

O percurso de Tumbu inclui um cenário de mata fechada, típico do período colonial, quando o país ainda mantinha uma natureza selvagem. O garoto, a medida em que descobre o país, também descobre a nova cultura do povo português: “eles cobriam o corpo com tanta roupa que era até uma indecência” (LEAL, 2007, p. 17).

Na perspectiva do menino narrador, o branco era tão ou mais primitivo que o negro. Para Tumbu, este povo de pele clara, feroz e cruel era desumano: “eles tinham milhões de pelos cobrindo o rosto, pareciam bichos selvagens” (LEAL, 2007, p. 17). O mundo do colonizador causava estranhamento e medo.

Os colonizadores portugueses carregavam consigo os valores, práticas e mesmo técnicas, de uma sociedade medieval na qual a estratificação e a desigualdade estavam organizadas em termos de ordens ou estados (VIEIRA, 2018, p. 2).

O drama da exploração escravagista, vivenciada na sociedade brasileira, não fazem sentido para Tumbu. O personagem se depara com um mundo diferente do seu; vivencia a exclusão, a privação, a vida margeada, o preconceito. Tumbu descobre o que significa ser negro em uma sociedade escravocrata. “Ser negro em uma sociedade racista é entrar em contato com o outro que confirma as diferenças pelo preconceito e muitas vezes com discriminações raciais” (LOPES, 2012, p. 75). O sentimento do personagem expresso na narrativa traz a denúncia da escravidão, resgatando a história do povo negro escravizado.

Tumbu questiona as atitudes do escravocrata que obriga a pessoa negra a realizar tarefas que, na compreensão de menino, deveriam ser feitas pelo homem branco: “por que é que eles não perguntam como se faz? Aí eles aprendem e a gente volta pra nossa

terra em paz, pronto” (LEAL, 2007, p. 52). As dúvidas expressam seu sentimento de injustiça: “o que foi que a gente fez, pra eles tratarem a gente tão mal?” (LEAL, 2007, p. 52).

Batista (2008, p. 5) relata que "a escravidão africana foi implantada no Brasil em decorrência dos altos lucros que o tráfico gerava aos mercadores portugueses e brasileiros e à metrópole”. Porém, mesmo diante de um povo mercantilista e aniquilador, o personagem não desiste de resgatar os pais. Em sua busca, percorrendo as cidades, Recife e Olinda, Tumbu acaba sendo capturado por uma família de senhores de engenho, para se tornar serviçal do filho da senhora. Mesmo acompanhando uma criança, aparentemente inocente, o personagem não deixa de sofrer a carga da escravidão: “Rodrighinho, verdade seja dita, era um baita de um bobalhão, que passava o dia inteiro dando pinotes em minha cabeça, me fazendo de montaria, me batendo com uma vara” (LEAL, 2007, p. 69).

Para Borges Junior e Santos (2017, p. 36) “além da imposição cultural, havia a dicotomia entre a religião do nativo e a do colonizador. As representações do colonizado eram sempre postas de lado”. O processo de colonização foi marcado pela violência física, de todas as formas, mas também pela aculturação imposta ao negro escravizado. Leal (2001, p. 71) expressa de forma cômica uma representação desse posicionamento:

Fui levado para a casa que tinha uma cruz em cima e, quando menos esperava, ele tentou me afogar numa bacia. Com grande sacrifício, escapei de sua mão e sobrevivi. Mas desde aquele dia, todos passaram a me chamar de Bento. E Bento fiquei.

Apesar de parecer anedótico, o episódio exemplifica a violenta forma como a cultura e a religião do colonizador foi imposta. Contudo, Tumbu resiste à submissão a esta nova ordem e nova religião. Ainda que tenha sido batizado com um nome de costume europeu, o personagem demonstra sua rejeição; nega-se a assumir o novo nome.

Conforme o menino vai empreendendo a busca pelos pais, aos poucos vamos reconhecendo o processo de aculturação e a violência suportada que o leva a compreender o significado da escravidão: “E assim, à base de muitos castigos, prisões, carões e chicotadas, foi que passei a entender como funcionavam as coisas na aldeia dos Brancões” (LEAL, 2007, p. 71).

É desse modo violento que Tumbu passa a entender o cotidiano da colônia, o que vai lhe propiciando amadurecer de modo desconfiado e, ao mesmo tempo, crítico: “afinal, havia algum local naquela terra maldita que não fosse perigoso?” (LEAL, 2007, p. 103). Consciente das injustiças que o rodeavam, o menino africano sentia a necessidade de sobreviver; percebia-se fortalecido para continuar sua busca e sabia que poderia de modo inteligente resistir.

A compreensão da violência desta terra “selvagem” proporciona amadurecer de modo consciente, buscando formas inteligentes de resistir. Desse modo, Tumbu consegue vencer obstáculos e se torna um administrador dos negócios de um homem branco. Embora tivesse vivenciado muito sofrimento, muita humilhação e trabalho exaustivo, o menino torna-se um homem de negócios.

Nesse novo posto, em um modo de escravidão doméstica e urbana, Tumbu consegue guardar dinheiro, usando-o em um momento apropriado, quando descobre seu amigo de infância, Mukondo, como escravo e compra-o. Ambos realizam uma parceria que os transforma nos donos do empreendimento, que antes era dono deles. “Mukondo, que era mais velho e, portanto, autorizado a fazer transações comerciais, comprou as lojas do velho, pagando uma ninharia” (LEAL, 2007, p. 172). É com essas ações estratégicas e com muita inteligência que o menino africano consegue resistir e se impor em um meio hostil escravocrata.

Considerações Finais

Ao término desta leitura, conclui-se que “ganha o leitor que, ao ler o outro, ao ver o outro, também se constitui outro!” (DEBUS, 2017, p. 57). Conhecer a história de Tumbu e compreender seu sentido de resistência, permite ao leitor a empatia com o personagem e a conscientização da violência que marcou este período escravocrata. Na busca pelos pais, o menino africano defronta-se com a exploração de todo um povo e se vê obrigado a suportar os sofrimentos e a vencer os paradigmas da época, tornando-se um empreendedor e ocupando uma nova posição. Tumbu resiste de todas as formas, nesta luta pela vida, pela cultura, por seus ideais e sua ancestralidade.

Apesar de exercer uma profissão do colonizador branco, ao se tornar comerciante, o menino negro escravizado encontrou um caminho de resistência, em que pode sobreviver; regressar à África para reencontrar seu passado, sua história e sua ancestralidade. Desse modo, a história do garoto africano ensina que é possível resistir,

ainda que o espaço e contexto da colonização fossem seus maiores opositores. Tumbu constitui um personagem que busca a preservação de sua identidade negra, apesar da constante humilhação e da forma inferiorizada como é tratado pelo europeu colonizador. A resistência do menino e sua coragem para continuar buscando pelos pais representa a resistência de todo um continente que viu sua cultura sendo diminuída e suas vidas e identidades roubadas.

Desse modo, a história narrada pelo menino negro permite ao leitor compreender o significado da resistência negra, ao passo que também torna possível ao professor realizar uma mediação de leitura, em conformidade com a Lei 10.639/03, que prevê o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. A representação da identidade de Tumbu, em um momento de formação da cultura brasileira, conduz ao reconhecimento do significado cultural da resistência no processo de dominação do europeu.

Referências

ALVES, Antonio de Castro. **Os escravos**. São Paulo: Poeteiro, 2014.

BATISTA, Caio da Silva. A escravidão urbana em duas cidades do século XIX: Santo Antônio do Paraibuna e Rio de Janeiro. In: II COLÓQUIO DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL, 2., 2008, Juiz de Fora. **Anais** [...]. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008. v. p. 1-17. Tema: Micro História e os caminhos da História Social. ISBN 978-85-88532-29-8. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c2-a5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 20 dez. 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORGES JUNIOR, Carlos; SANTOS, Ildelane Lima dos. Imagens da colonização na América Latina: a relação colonizador/colonizado na narrativa os rios profundos, de José Maria Arguedas. **Revista de Letras Norte@mentos**. Estudos Literários, Sinop, v. 10, n. 21, p. 25-42, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2661>. Acesso em: 19 out. 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

CRESQUI, Candice. O tempo, o personagem, o narrador: Elementos da narrativa na transposição de fatos históricos nas minisséries televisivas Anos rebeldes. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 33, 2010, Caxias do Sul. Caxias do Sul: [s. n.], 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3143-2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, 2017.

FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro; BULHÕES, Ricardo Magalhães. Leitura e ensino médio: convergência entre cânone literário brasileiro e currículo. In: SOUZA, Renata Junqueira de; LIMA, Elieuzza Ap. de (org.). **Leitura e cidadania: ações colaborativas e processos formativos**. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p.185-220.

LEAL, Marconi. **Tumbu**. São Paulo: Editora 34, 2007. 192 p.

LOPES, Naiane Rufino. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – *Campus* Marília, São Paulo, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91299/lopes_nr_me_mar.pdf Acesso em: 26 out. 2019.

VIEIRA, Pedro Antonio. **A Sociedade Portuguesa do século XVI e as raízes da desigualdade social no Brasil**. Criciúma, ABPHE, 2018. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/pedro-antonio-vieira_1.pdf Acesso em: 27 out. 2019.